

Trajetórias exploratórias na periferia do capitalismo: reflexões a partir dos trabalhadores haitianos na indústria têxtil do noroeste do Paraná

*Flávio Ribeiro de Lima**

1 INTRODUÇÃO

Este texto apresenta uma reflexão sobre as trajetórias¹ migratórias internacionais entre os anos de 1990 e 2016. Tal discussão está fundamentada na observação de trajetórias migratórias como parte de um processo complexo de escala ampliada que tem como finalidade última, atender as necessidades de funcionamento do mercado de trabalho global e, deste modo, expulsar a força de trabalho de determinados espaços para explorá-la em outros. Um dos resultados dessas expulsões é o caso dos trabalhadores haitianos que se deslocaram em busca de sobrevivência para trabalhar nas indústrias têxteis do noroeste do estado do Paraná, Brasil, a partir de 2010, cujo exemplo é debatido a partir de uma análise qualitativa.

É bastante debatido o fato de que, desde 1990 vem ocorrendo uma (re) configuração espacial das trajetórias migratórias em escala global. Esse debate segue a linha de argumentação de que isso ocorreu muito em função da alteração da forma de funcionamento do modo de produção capitalista combinada com o processo de expansão global da lógica concorrencial em escala global, o que vêm induzindo uma massa de sujeitos a deixarem seus lugares de origem e a cruzarem fronteiras e se estabelecerem em outros territórios.

A partir da década de 2010, o tema das migrações internacionais, que por muito tempo ocupou uma posição marginal, volta a ocupar um lugar importante no debate político e acadêmico. Questões como as causas e os efeitos das trajetórias migratórias, são trazidas para o debate, sobre dois caminhos de argumentação principais (SANTOS *et al*, 2010). Enquanto alguns autores focam

* Geógrafo e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Unicamp. Desenvolve pesquisa de doutorado sobre as relações de exploração da força de trabalho na indústria têxtil sob orientação da professora Dra. Arlete Moysés Rodrigues. É Membro do grupo de pesquisa Mundo do Trabalho e suas Metamorfoses e do grupo de pesquisa Problemática Urbana e Ambiental, ambos da mesma instituição. Contato: flavior_lima@hotmail.com

em uma abordagem realizada em dimensões de escala reduzida, na qual a escala é o corpo dos sujeitos migrantes, que são interpretados enquanto seres racionais; indivíduos que são capazes de realizar a escolha de migrar (TODARO, 1970; BECKER, 1993), outros sustentam que as trajetórias migratórias fazem parte de um processo complexo de escala ampliada, que tem como finalidade última atender as necessidades de funcionamento do mercado de trabalho global e, deste modo, expulsar ou conter a força de trabalho em determinados espaços (SINGER, 1971; GAUDEMAR, 1976).

A partir dessa segunda linha de argumentação, alguns autores sugerem que a crise do capitalismo, vivenciada a partir de 2007, potencializou processos complexos de transformação no funcionamento do modo de produção e reprodução do capital, alterando por completo as dinâmicas no mundo do trabalho em escala global (SASSEN, 2000; HARVEY, 2013; BASSO, 2015). Os desdobramentos dessa crise são devastadores para o conjunto de trabalhadores. Eles têm repercussão direta para a precarização das condições de trabalho (e de vida) dos sujeitos migrantes, bem como para o redirecionamento (parcial) dos fluxos migratórios internacionais (ANTUNES, 2013; VILLEN, 2015; FRANCESCONI, 2016; MAGALHÃES & BAENINGER, 2016).

Esse referencial, base para esse estudo, faz crer que, as duras condições de trabalho, a que são submetidos os trabalhadores migrantes, vêm se tornando dominante no mundo do trabalho e, portanto, determinante para a acumulação de capital nos chamados países de capitalismo central (Norte global) e países de capitalismo periférico (Sul global) (VILLEN, 2015).

O fato é que no âmbito dos países da periferia do capitalismo² – caso do Brasil –, o fenômeno das trajetórias migratórias internacionais tende a assumir uma faceta muito mais complexa e difícil de ser mensurada em relação aos países de Primeiro Mundo, devido aos contextos históricos e políticos submetidos à lógica de dominação e de exploração. É sob essa linha de argumentação que o tema das migrações internacionais passa a ser abordado nesse artigo.

Busca-se compreender as trajetórias migratórias que os haitianos realizaram para o Brasil entre 2010 e 2016, destacando a emergência do processo de expulsão de trabalhadores oriundos de um país devastado pelo modelo de integração econômica submissa no mercado global, para demonstrar as facetas do modo de funcionamento do mundo de trabalho e seus desdobramentos no que tange a inserção precária no periferia do capitalismo. Precisamente, basearemos nossa análise nos imigrantes haitianos que trabalham na indústria têxtil do Noroeste do estado do Paraná, observando como se dá o processo de inserção desses sujeitos em um contexto no qual as jornadas de trabalho são intensas, as remunerações são baixas e as condições de trabalho são precárias.

O artigo está dividido em quatro seções. Na primeira delas, apresentaremos uma exposição qualitativa dos dados, que nos serve como ponto de partida para categorizar as dinâmicas das migrações internacionais entre os anos de 1990 e 2016, e para interpretar o processo de (re)configuração espacial das trajetórias em escala global.

Na segunda seção, esboçaremos as principais tendências que levaram o Brasil a assumir um papel de interface no contexto das trajetórias migratórias internacionais, demonstrando a posição deste país no cenário político e econômico global em anos recentes e como a lógica da migração da periferia para periferia do capitalismo apresenta-se como uma tendência.

Na terceira seção, produziremos uma discussão sobre as particularidades da sociedade haitiana como tentativa de entender quais foram os condicionantes que contribuíram para a expulsão dos trabalhadores na periferia do capitalismo.

Na quarta seção, debateremos a questão da exploração da força de trabalho haitiana na indústria têxtil do Noroeste do estado do Paraná. problematizaremos a maneira de incorporação precária e limitada como o capital se vale da exploração da força de trabalho migrante.

A exposição da pesquisa qualitativa apresentada ao longo desse artigo se refere aos resultados da etapa de entrevistas da pesquisa qualitativa, em que 117 sujeitos foram entrevistados sobre as relações de trabalho que foram submetidos, entre 2015 e 2018. As entrevistas foram conduzidas por um roteiro semiestruturado com respostas abertas e gravadas em meio digital, quando permitido.

Pelo teor dos relatos e das observações descritas ao longo desse texto, adotamos a postura de não identificar os nomes dos entrevistados por considerá-la a melhor estratégia para proteger o anonimato e o sigilo sobre dos trabalhadores. O instrumento de análise das gravações foi exposto seguindo amostra adotada que focou na inserção dos trabalhadores no âmbito da produção têxtil no noroeste do estado do Paraná³, cujo percentual de análise correspondia a 15% do total de entrevistas realizadas.

Ao final do artigo, concluiremos que a ideia de que a chegada de um conjunto de trabalhadores imigrantes na indústria têxtil da região Noroeste do estado do Paraná provocou impactos significativos sobre o mundo do trabalho, fomentando o rebaixamento dos salários e a precarização das condições de trabalho.

2 DINÂMICAS DAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS ENTRE 1990 E 2016: A (RE)CONFIGURAÇÃO ESPACIAL DAS TRAJETÓRIAS MIGRATÓRIAS INTERNACIONAIS

Ao observar os dados oferecidos, em 2016, pelas agências *International Organization for Migration (IOM)* e *Statistics of International Migration (SIM)* – compilados pelo *World Migration Report (WMR)* – sobre os movimentos migratórios realizados em escala global nas últimas décadas, veremos que no ano de 1990, o número de imigrantes que viviam fora de seus países de origem era de aproximadamente 152,5 milhões - o equivalente a 2.9% da população mundial para aquele ano. Deste contingente, aproximadamente 90% migrou para países de capitalismo avançado (Estados Unidos, Europa Ocidental, Japão - principalmente) e os outros 10%, para países de capitalismo tardio (WMR, 2018).

Os dados da WMR mostram que no ano 2000, 172,7 milhões de imigrantes – o equivalente a 2.8% da população mundial para aquele ano –, viviam fora de seus países de origem. Deste contingente mencionado, aproximadamente 64% migrou para países de capitalismo avançado e outros 36% migraram para países de capitalismo tardio (WMR, 2018). Para o ano de 2010, os dados compilados pela agência demonstram que aproximadamente 221,7 milhões de imigrantes – o equivalente a 3.2% da população mundial, naquele ano –, viviam fora de seu país de origem. Deste contingente mencionado, aproximadamente 51% migrou para países de capitalismo avançado e 49% migrou para países de capitalismo tardio (WMR, 2018).

Ao analisarmos essa compilação de dados, é possível notar que entre as décadas de 1990, 2000 e 2010, as trajetórias migratórias passaram a apresentar alterações no destino, trânsito e rota dos sujeitos que se deslocaram para fora de seus países entre o conjunto de países do Norte e do Sul global. A partir dessa constatação, é possível perceber que se configurou um novo desenho de trajetórias migratórias internacionais. Uma questão parece importante: o que determinou essa mudança radical nas trajetórias migratórias internacionais durante o período em análise?

Pelo menos dois fatores de caráter geográfico podem ser elucidativos para compreender as motivações que determinaram a alteração das trajetórias migratórias internacionais durante o período em análise. São eles, a geopolítica e o mundo do trabalho.

Primeiramente, constata-se que a consolidação de uma série de ações “políticas” que se prestam ao “controle” migratório, como: a) construção de muros e barreiras a fim de conter e/ou dificultar o ingresso em seus territórios; b) intensificação das fiscalizações por meio de práticas de repressão – efetivadas pelo aparato policial; c) adoção de medidas (autoritárias) de transferências dos imigrantes indocumentados para outros territórios ou para os territórios de que são nativos (práticas de deportação); d) detenção de imigrantes indocumentados; e) restrição jurídica aos sujeitos (imigrantes refugiados e apátridas) solicitantes de moradia; f) formas de criminalizar o imigrante e disseminar essa concepção no ideário da população local – por meio da mídia, etc.; e tantas outras “políticas” que, além de tentar mantê-los distantes e amedrontados, violam os direitos humanos internacionais (BORJAS, 1989).

Em segundo, observa-se que a maneira como se estrutura, o mundo do trabalho em escala global pode ser um importante componente motivacional para as trajetórias migratórias internacionais. Veja-se que contextos de aquecimentos econômicos ou crises incidem, em muitos aspectos, na demanda por mão de obra e a oferta de empregos. De acordo com Sassen (2000), nos períodos em que um país atravessa uma crise econômica da ordem financeira-hipotecária, a oferta no mercado de trabalho passa a ser baixa e os valores que são pagos pela mão de obra utilizada/explorada do conjunto de trabalhadores tornam-se ínfimos.

Trata-se de barreiras e pressões estabelecidas aos trabalhadores imigrantes (HARVEY, 2013) que, ora contribuem para impulsionar trajetórias migratórias em direção a determinados territórios/regiões e ora contribuem para cessá-las. Nessa mesma linha de argumentação, Antunes (2013) acrescenta que, em casos como esses, os imigrantes (profissionalmente qualificados, não qualificados profissionalmente, documentados ou indocumentados) tendem a se deslocar para países onde há oportunidade de “inserção” – ainda que a inserção ocorra de maneira precária, como veremos mais adiante – no mercado de trabalho (ANTUNES, 2013).

Em geral, os imigrantes efetivam esse deslocamento buscando países nos quais a economia e o mercado de trabalho, bem como a legislação para o imigrante encontram-se, relativamente, “favorável” para a sobrevivência. Ou seja, o mundo do trabalho, que se estrutura a partir da economia – cujo lucro é sua base –, aparece como propulsor dos movimentos migratórios (SINGER, 1976). Alguns países contribuem para esse deslocamento por meio das políticas econômicas e legislações que são adotadas.

Por meio delas, ocorre a fomentação da imigração para territórios cujos contextos são de aquecimento econômico em períodos de crises ou da implementação de leis favoráveis aos movimentos migratórios.

Interpretando os dados apresentados a partir dos dois fatores que trouxemos para o debate, podemos afirmar, assim como fez Sassen (2000), que começa a despontar, a partir de 1990, a (re)configuração espacial das trajetórias migratórias internacionais, de modo a alterar a dinâmica da migração internacional (SASSEN, 2000).

Nesse aspecto, é interessante e elucidativo observar a interpretação de Magalhães & Baeninger (2016). Ao analisarem os processos migratórios internacionais que se direcionaram para o Brasil no mesmo período analisado nesse artigo, os autores demonstram que esses fatores, vinculados aos dois processos mencionados acima e a outros elementos como redes de contatos e infraestrutura, alteraram significativamente as trajetórias migratórias em escala global ao ponto de fazer configurar novo tipo de imigração, as migrações Sul-Sul (MAGALHÃES & BAENINGER, 2016).

O caso dos imigrantes haitianos que se deslocaram para o Brasil em busca de inserção no mundo do trabalho ilustra esse novo contexto em que configura-se um novo tipo de imigração internacional (ainda que pautado na velha lógica de acumulação de capital), segundo o qual a maioria das trajetórias migratórias realizadas até meados da década de 1990 migravam para países do Norte e mais recentemente, principalmente na última década, encontra nos países do Sul global um destino possível (VILLEN, 2015).

Nesse novo contexto, evidencia-se, de um lado, a mobilidade para trabalho de migrantes mais qualificados profissionalmente e documentados, oriundos, principalmente, de países como Portugal, Estados Unidos, Espanha e França, e, de outro lado, a mobilidade forçada para trabalho de migrantes indocumentados

(na maioria dos casos também pouco qualificados profissionalmente), oriundos dos continentes latino-americano, asiático e africano – “imigrantes da periferia do capitalismo” (VILLEN, 2015, p. 209)⁴.

Esse novo desenho vai desencadear a tendência de *(re)configuração espacial*⁵ das trajetórias migratórias em escala global, na qual novos países da periferia do capitalismo passam a se apresentar como territórios alternativos ao deslocamento dos migrantes ao redor do globo. É sob essa égide que o Brasil passa a ser avaliado.

3 DE PERIFERIA PARA PERIFERIA: O BRASIL NO MAPA DAS TRAJETÓRIAS MIGRATÓRIAS INTERNACIONAIS

Se nos anos finais do século XX, precisamente entre 1990 e 1999, as trajetórias migratórias ao redor do globo se efetivavam pelos longos trajetos que percorriam os imigrantes, entre eles os brasileiros, que se deslocavam de países de capitalismo periférico, principalmente do Sul global, para os países de capitalismo central, principalmente do Norte global, atualmente o processo apresenta-se bastante distinto.

Se tomarmos as cifras para o século XXI, veremos que vem se configurando uma nova etapa de trajetórias migratórias marcadas, basicamente, pelos processos de expulsão⁶ (geopolíticas de recrudescimento) dos imigrantes indocumentados dos países de capitalismo central para os seus países de origem. Ademais, ocorreram, por um lado, uma onda de trajetórias de retorno, e, por outro, um amplo processo de (re)dinamização político-econômica (PATARRA, 2012). Ou seja, nesse novo século, as trajetórias dos migrantes diferem significativamente em termos de duração, distância e territórios de origem das observadas no século XX (BASSO, 2015).

Se examinarmos a inserção do Brasil no contexto das migrações internacionais, entre os anos de 1990 e 2016, veremos que, diferentemente dos fluxos migratórios transoceânicos observados nos séculos XIX e XX, nos quais imigrantes oriundos de países europeus e africanos abandonavam, por uma série de questões que não nos cabe pontuar neste artigo, seus países e se deslocavam para o Brasil, nas últimas décadas essa realidade apresenta-se de maneira distinta, como poderá ser observado (SINGER, 1976).

Os estudos sobre os processos migratórios no Brasil em período mais recente (VILLEN, 2015; FRANCESCONI, 2016; MAGALHÃES & BAENINGER, 2016; MAMED, 2016; MARTINS, 2018, PACHI, 2019) nos ajudam a fundamentar essa constatação. A partir da avaliação de diferentes concepções e abordagens, pode-se averiguar que na década de 1990, o Brasil registrou um saldo migratório negativo. Em um período de recessão econômica e crise política – que assolavam o país desde a década anterior –, o Brasil passou a ocupar o lugar de país de emigração, enviando mais emigrantes em relação ao número de imigrantes que ingressavam em seu território (VILLEN, 2015).

São nesses termos que as migrações se caracterizaram em âmbito nacional até o final do século XX. Já no início dos anos 2000, nota-se um movimento distinto do observado na década anterior. Duas tendências principais são identificadas pelos estudos que se ocupam desse tema (VILLEN, 2015; FRANCESCONI, 2016) e revelam que o Brasil deixou, neste decênio, de ocupar lugar de país de emigração (MAGALHÃES & BAENINGER, 2016).

A primeira tendência caracteriza-se pelas migrações de retorno de brasileiros que viviam em países de capitalismo avançado (FRANCESCONI, 2016) e, a segunda caracteriza-se pelo processo de recebimento de números expressivos de imigrantes de outros países, em geral, também oriundos da periferia do capitalismo (VILLEN, 2015; MAGALHÃES & BAENINGER, 2016).

Essa mudança de perfil, na qual o Brasil se destaca novamente como um país de imigração, tal como no início do Século XX, é potencializada, principalmente, após a eclosão da crise mundial de 2007/2008. Apontamentos de Harvey sobre essa questão indicam que a crise conteve, nela própria, distintas crises que tiveram efeitos de longa duração em muitas partes do globo. Entre elas, os efeitos sobre o mundo do trabalho, tal como segue:

O desemprego é o grande problema. Um documento de debate conjunto emitido pelo FMI e a Organização Internacional do Trabalho em setembro de 2010 estimou que a perda de empregos no mundo durante a recessão de 2007 a 2009 atingiu 30 milhões. Dos 20 milhões que puderam ser documentados por meio de estatísticas oficiais, três quartos estavam localizados nas economias avançadas, com os Estados Unidos contabilizando 8,4 milhões, a Espanha, 1,8 milhão e o Reino Unido, 0,9 milhão. As perdas de emprego foram muito menos acentuadas em economias de mercado emergentes. [...] o resultado foi a retomada vigorosa do crescimento econômico em várias partes da América Latina (HARVEY, 2010, p. 212-214).

Harvey (2010) constata que os efeitos da crise foram distintos entre países de capitalismo central e de capitalismo periférico. Enquanto as perdas de emprego estiveram concentradas nos Estados Unidos e em alguns países da Europa (Espanha, Itália, Irlanda, Portugal e Reino Unido), na América Latina o crescimento econômico e suas repercussões no mundo do trabalho apresentava-se vigoroso, ainda que apoiado na integração dos migrantes pela via da exploração da força de trabalho. Pode-se argumentar que a crise mencionada acentua, ainda que em distintas dimensões e temporalidades, as condições de instabilidade estrutural no mundo do trabalho global (BASSO, 2015) e, por consequência, a precarização das condições de trabalho (ANTUNES, 2018).

Percebe-se assim que a partir da crise de 2007/2008 a economia foi afetada e, por consequência, o mundo do trabalho em países que receberam, historicamente, quantidade expressiva de migrantes. Em detrimento da baixa demanda por mão de obra, emergem outras rotas realizadas por migrantes internacionais. Em alguma medida, esse movimento foi potencializado pelas políticas de recrudescimento que, conforme apontamos, são um fator determinante na escolha do destino, trânsito e rota dos sujeitos em situação de migração.

Neste vaivém de rotas migratórias e de migrantes, o Brasil apresentou-se como um dos principais países de destino no hemisfério Sul. Ao contrário dos países que apresentavam altos percentuais de taxas de desemprego e enfraquecimento da economia, o Brasil passava por um momento de estabilização econômica. Em 2009 o crescimento econômico chegou perto de 8% (HARVEY, 2010, p. 211).

Numa chave que combinava expansão dos investimentos (físicos e sociais), redução de custos da força de trabalho e das matérias primas para concorrer no mercado internacional, e aumento de salário que tocou, ainda que de maneira muito tímida, na distribuição de renda na base da pirâmide brasileira, o mercado de trabalho brasileiro se expande ao ponto de muitos trabalhadores, inclusive os imigrantes haitianos, serem incorporados (como veremos mais adiante, essa “incorporação” ocorre de maneira muito precária e pode, nesses termos, ser questionada) no mundo do trabalho, graças ao desempenho econômico favorável, passando a gerar empregos, principalmente, no setor terciário e na construção civil (CARVALHO, 2018)⁷.

Em anos mais recentes, entre 2010 e 2016, a análise dos movimentos migratórios em escala mundial indica o reforço das ondas de migração para os países do Sul global, fato que confirma a tese da (re)configuração espacial das trajetórias de migrantes em escala global, sendo um dos traços marcantes do cenário recente a migração da periferia do capitalismo para a periferia do capitalismo. Neste vai e vem, observa-se as trajetórias de deslocamento de migrantes para as antigas regiões de expulsão de países da periferia do capitalismo – África do Sul, Argentina, Brasil, China e Índia (VILLEN, 2015).

Isto é, também, o que a análise dos dados oficiais sobre migrações internacionais, que contemplam o Brasil, parece sugerir. Levando-se em consideração os movimentos migratórios para o período recente, pode-se averiguar que o país vem apresentando um crescimento expressivo no número de imigrantes. Entre 2011 e 2016, aproximadamente 85.908 pessoas deixaram o Brasil para viver no exterior (na maioria dos casos, para Europa e os Estados Unidos), enquanto, aproximadamente, 613.146 imigrantes adentraram o país no mesmo período⁸.

Esses dados mostram que o Brasil se converteu, pelos números que registram a intensidade das trajetórias, em um país da periferia do capitalismo marcado pela imigração (BASSO, 2013). A pesquisa de Villen (2015) valida essas constatações de que emergem trajetórias de migrantes internacionais após a

eclosão da crise global de 2007/2008. Conforme mostra a autora, apoiando-se em dados da Organização Internacional para as Migrações (OIM), entre os anos de 2011-2014, o Brasil “foi o principal destino dos fluxos migratórios na América Latina” (VILLEN, 2015, p. 116).

Mas a predominância dos latino-americanos não é exclusividade para os imigrantes que chegam ao Brasil. Pode-se observar, também, imigrantes oriundos de países dos continentes africano e asiático, também do Sul global. Esses fatos contrastam diretamente com as evidências observadas no início do século XX, período em que a imigração europeia era dominante, pois, apesar da facilidade de entrada no Brasil, os europeus são agora minoria entre os recém-chegados.

Os dados referentes às nacionalidades dos imigrantes que adentraram o país no período em análise nos ajudam a elucidar o cenário em questão. Entre as principais nacionalidades que ingressaram no país, entre 2010 e 2016, estão os bolivianos, haitianos, venezuelanos, sírios, argentinos, peruanos, colombianos, chineses, senegaleses, estadunidenses. O Haiti foi o principal país de origem, seguido por Bolívia com, respectivamente, 81.000 e 60.800 imigrantes chegando até 2016, (NEXO, 2018)⁹.

É nesse contexto que o Brasil passa a figurar entre os países de destino e trânsito nas trajetórias traçadas pelos migrantes internacionais. O país passa também a receber porções significativas de migrantes, a aumentar a disponibilidade de força de trabalho sobrando (exército industrial de reserva) e, com isso, deter maiores possibilidades de explorar, sem medidas e sem escrúpulos, a força de trabalho migrante e a autóctone. Assim, inverteram-se as posições e as demandas por força de trabalho e o país deslocou sua posição, passando a atrair proporções consideráveis de imigrantes (FRANCESCONI, 2016).

O que se altera em todo esse cenário “é que já não se trata de **imigrantes** à procura da prosperidade” tal como se observou até o final do século XX (período em que os europeus eram maioria nos fluxos). Trata-se de novos perfis de migrantes e novas trajetórias orientadas pelas velhas motivações (MARTINS, 2014, p. 04). Nesse novo século os sujeitos se deslocam em busca de refúgio “da miséria de países de economias arruinadas” pela lógica de produção e de reprodução da acumulação ampliada de capital (MARTINS, 2014, p. 04 - 05).

Por estes motivos, não podemos nos iludir sobre a incorporação dos trabalhadores imigrantes no âmbito do mundo do trabalho brasileiro, principalmente aqueles oriundos da periferia do capitalismo. Como será demonstrado mais adiante, essa integração se manifesta por meio da inserção precária no mercado de trabalho nacional, tendo como força de trabalho predominante, trabalhadores profissionalmente não qualificados que trabalham, na grande maioria dos casos, às margens da legalidade jurídica (ANTUNES, 2013), e nos moldes da exploração da força de trabalho (LIMA, 2018).

É nesse contexto geral que se (re)configuram as trajetórias realizadas por trabalhadores oriundos da periferia do capitalismo para a periferia do capitalismo. Desde então, o Brasil caracteriza-se como um país receptor de

imigrantes da periferia do capitalismo que, por inúmeros condicionantes, deixam seus territórios para realizarem as trajetórias migratórias internacionais. Entre eles estão os haitianos, cujos condicionantes que os levam a migrar serão apresentados na seção seguinte. Vale destacar que os imigrantes haitianos promoveram uma reconfiguração espacial no que tange à força de trabalho no Brasil.

4 CONDICIONANTES DE EXPULSÃO NA PERIFERIA DO CAPITALISMO: O HAITI COMO PAÍS DE EMIGRAÇÃO

Começamos lembrando que as trajetórias de imigrantes haitianos apresentam um longo contexto histórico, sendo elas condicionadas por um processo que é intrínseco à organização do capital em escala global (SINGER, 1976). Ou seja, provêm do sistema de organização desigual e combinado do espaço (SMITH, 1984) que gera competições entre mercados e nações.

No âmbito da produção de mercadorias, essa competição potencializa a busca por diminuição de custos de produção, em todos os sentidos e direções, o que potencializa a demanda cada vez maior para “reabastecer as empresas de braços e de cérebros do mundo inteiro a baixíssimo custo (BASSO, 2013, p. 111). Como esse processo de (re)configuração das trajetórias migratórias internacionais é da ordem do capital, pode-se argumentar que ele se perpetua pelo espaço (buscando distintos territórios) e pelo tempo (assumindo múltiplas facetas em determinado período histórico).

Além desse condicionante principal, se observarmos a chegada dos migrantes haitianos no Brasil em tempos recentes, veremos que existem outros condicionantes secundários que fizeram potencializar essas trajetórias migratórias. O primeiro deles, está ligado à missão internacional no país, o que colaborou para direcionar os migrantes para o Brasil (VILLEN, 2015). O segundo vincula-se à concessão de “vistos humanitários” por meio da criação de uma categoria especial (Portaria Interministerial Nº 10) na qual o governo brasileiro “concede” aos haitianos a possibilidade de solicitar visto temporário ou autorização de residência para fins de acolhida, uma resposta emergencial à migração indocumentada que era presente no cenário brasileiro.

O acordo é estabelecido, principalmente, em detrimento de um terremoto de 7.0 na escala Richter que atingiu o Haiti. Além de matar e deixar muitos haitianos em situação de risco, o terremoto destruiu diversas estruturas: foram “mais de 250.000 residências e 30.000 prédios comerciais arruinados, deixando mais de 1 milhão de desabrigados (OLIVEIRA, 2017), e 300.000 mortos. Um estrago sem precedentes naquele país. Mas o fato de o Brasil ter sido um dos principais países de destino dos haitianos ao longo dos últimos anos não pode ser atribuído apenas ao desastre de ordem ambiental, nem mesmo ao visto humanitário que o Brasil concedeu (MARTINS, 2018).

Se considerarmos a estrutura social do Haiti, veremos que a história do país é atravessada por um contexto extremamente frágil, em que a disparidade de renda, a segregação socioespacial, a pobreza, a miséria e outros fatores, como as políticas que mantêm essa estrutural social desigual e conflitos desencadeados na tentativa de subversão, estão presentes desde muito tempo (AUDEBERT, 2017; MARTINS, 2018). Considerando todos esses condicionantes, percebe-se que o contexto histórico faz com que a resiliência do Haiti, com relação a este tipo de desastre ambiental, seja muito baixa. Por isso mesmo, a recuperação pode ser, como parece ocorrer, muito lenta.

O terceiro condicionante que gostaríamos de destacar é o aumento do contingente de sujeitos que não possuem outra alternativa a não ser migrar de forma imediata para ter uma oportunidade de se sujeitar a trabalhos precários, com a finalidade de atender as necessidades básicas de sobrevivência (HARVEY, 2013). Despossuídos dos meios de produção, se prestam a vender sua força de trabalho da forma que convém à produção e reprodução de capital, onde, quando e a quem lhe aprouver. É neste caminho que a acumulação de capital e o controle social, mediante o rebaixamento salarial, tendem a ser impulsionados.

Por fim, pode-se dizer que a estrutura política brasileira, que mencionamos no item anterior, implementava políticas que alteravam o mercado e o mundo do trabalho no país, também foi uma condicionante que motivou as trajetórias migratórias até o Brasil. São esses condicionantes de expulsão, historicamente presentes na sociedade haitiana (MARTINS, 2018). Vinculá-los as trajetórias migratórias internacionais realizadas por migrantes haitianos em tempos recentes é o mesmo que reconhecer que as raízes dos processos que os originam são muito mais complexas.

Estamos chamando a atenção para o fato de que o terremoto não é o fator principal da expulsão de haitianos daquele país, e sim a combinação de outros condicionantes secundários de expulsão que vão impulsionar as trajetórias migratórias de haitianos para outros países da periferia do capitalismo. A dizer: o terremoto aparece apenas como a ponta do *Iceberg* de um problema social que é maior, que segue a lógica de reprodução do capital.

Em resumo, esses fatores econômicos internos, impulsionados pelo cenário geopolítico e pelo mercado de trabalho, vão influenciar, principalmente pelo acordo diplomático estabelecido, e impulsionar as trajetórias de migrantes haitianos para o Brasil, fazendo com que estes se tornassem, como já dissemos, líderes do *ranking* de migrantes que vieram para o país entre 2011 e 2016. Isso fez com que a força de trabalho migrante se tornasse marcante em muitos setores do mundo do trabalho brasileiro.

Os cálculos mais consistentes sobre a questão indicam que entre 2011 e 2016, período de maior intensidade migratória entre os anos avaliados, o Brasil recebeu mais de 81.000 imigrantes haitianos que entraram pelas fronteiras do Brasil (NEXO, 2018). A seção seguinte é indicativa da realidade a que estão

submetidos estes trabalhadores haitianos no mundo de trabalho brasileiro. Precisamente, relataremos a realidade desses trabalhadores no âmbito da indústria têxtil do Noroeste do estado do Paraná.

5 A EXPLORAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO HAITIANA NA INDÚSTRIA TÊXTIL DO NOROESTE DO ESTADO DO PARANÁ

A indústria têxtil é caracterizada por segmentos produtivos que envolvem diferentes etapas: a fiação de fibras, o beneficiamento, a tecelagem, a tinturaria e o acabamento de tecidos, fios e malhas naturais e sintéticos, a expedição e a costura. As pesquisas desenvolvidas a partir da produção têxtil nesses distintos segmentos revelam que esse ramo dessa indústria, identificado como um dos mais antigos do mundo (PECK, 1996), tem passado por transformações na base dos processos produtivos tais como: mudanças nas estruturas hierárquicas, novas técnicas de gestão e (re)organização do trabalho e reestruturação espacial e produtiva (SCOTT, 1988; LENCIONI, 1991; CHESNAIS, 1996).

Do ponto de vista do mundo do trabalho, o caráter dessas transformações, que seguem as leis gerais do modo de produção capitalista, culminaram em uma demanda significativa de força de trabalho manual, elemento esse que é característico da indústria têxtil do Noroeste do Paraná. Trata-se de 441 indústrias têxteis dispersas por 96 dos 105 municípios que compõem a região (LIMA, 2018).

Essas indústrias absorvem uma quantidade significativa de força de trabalho barata e, em grande medida, desqualificada. Elas empregam, direta e indiretamente, aproximadamente 400 mil trabalhadores (LIMA, 2018). Os mecanismos que estimulam essa absorção, que tem como fim último a exploração da força trabalho autóctone e migrante, está vinculado a busca por lucratividade nas empresas, cujas estratégias de redução dos custos, por exemplo, desempregar ou subempregar a força de trabalho e, ao mesmo tempo, intensificar os ritmos de trabalho (SPOSITO, 2007) são fundamentais.

Nesse interim, a exploração da força de trabalho ocorre em casos nos quais os trabalhadores são mais vulneráveis. E isso pode ser visto com mais facilidade nas indústrias que estão localizadas em municípios menores, onde o grau de escolaridade dos trabalhadores são, em geral, mais baixos, o que é um fator usualmente utilizado pelos empresários para pagar salários baixos. Nelas, verifica-se o entrelaçamento do aumento da produtividade com o aumento da jornada de trabalho. E a diminuição do número de trabalhadores contratados diretamente parece ser uma tendência de todas as indústrias têxteis localizadas no estado do Paraná (LIMA, 2018).

São nessas indústrias, grande maioria delas terceirizadas (64,3%), que os imigrantes haitianos – homens, mulheres e crianças se deslocaram em diferentes temporalidades para a região Noroeste do estado do Paraná – desenvolvem atividades laborais em condições vexatórias e de extrema precariedade. Tendo

ingressado no Brasil a partir de 2010, os imigrantes haitianos adotaram estratégias de mobilidade para chegar e, posteriormente, sobreviver no Brasil (MARTINS, 2018). Daí em diante estabeleceram-se redes de contatos para enviarem informações aos demais amigos e familiares, referenciando-os e ajudando-os a realizar as próximas trajetórias migratórias.

No âmbito do espaço fabril, os haitianos são submetidos à distintas funções. Os homens ajudam a carregar os caminhões, puxando os fardos de mercadorias que pesam entre 50KG e 100KG, limpando a caçamba, ajudando a descarregar os produtos químicos importados da China, desentupindo os encanamentos, limpando os vidros da estrutura, transportando os entulhos até os locais em que devem ser descartados, e qualquer outra atividade que não precise de qualificação e que exija força e destreza.

As mulheres, em geral, estão escaladas na costura, no corte, na tinturaria e na limpeza, exceto uma delas que, por ser robusta e alta, também é selecionada para realizar atividades braçais juntamente aos homens, quando necessário. Desse modo, é comum a todos os imigrantes não permanecer em nenhum posto de trabalho definido, mas serem escalados de acordo com as demandas da produção de mercadorias têxteis.

Eles almoçam dentro das fábricas. Alguns levam a marmita preparada no dia anterior e a esquentam em banho-maria num aparelho de água quente, outros recebem marmita das indústrias. A pausa para o almoço é breve. É dado a eles o tempo mínimo de abocanharem o alimento e retornarem às suas atividades. Suas jornadas de trabalho são incessantes. No geral, todos possuem horário para chegar ao posto de trabalho e vão embora conforme são dispensados. Quase sempre são os últimos a irem embora. Alegam trabalhar mais que os trabalhadores brasileiros, ganhando salários iguais ou inferiores. Possuem horários mais penosos, jornadas prolongadas e atividades intensificadas e desgastantes para o físico, para os nervos e para a alma (BASSO, 2015).

Certo dia, em visita à uma das fábricas um dos imigrantes haitianos sofreu um acidente. Ao tentar acrescentar reagentes químicos aquecidos no torno que polia os botões em cor prata, o trabalhador, já sem forças pela sobrecarga de trabalho de mais de 11 horas, derrubou em uma de suas mãos parte dos reagentes. No mesmo instante escorreu sangue pela ferida que havia se formado imediatamente após o derrubamento do produto.

O gerente que nos acompanhava durante a visita verificou o que havia ocorrido e, vendo que se tratava de algo grave pediu que chamassem seu motorista que chegou prontamente. Junto ao imigrante aproximaram-se outros trabalhadores preocupados com a situação. Vendo o alvoroço, o gerente ordenou que todos retornassem aos seus postos de trabalho e que levassem o trabalhador ferido até o hospital, onde fizeram nele um curativo. Pelo vão da porta, foi possível ouvir resmungos, palavras xenofóbicas e xingamentos direcionados ao trabalhador: “esses encardidos só dão prejuízo”, disse o gerente.

Horas depois, antes mesmo de deixarmos o espaço fabril, o trabalhador retornou à fábrica. Ao se aproximar do gerente para agradecer-lo por ter “pago” o procedimento, que certamente seria descontado do seu salário no mês seguinte, o imigrante recebeu ordem para realizar uma atividade, mesmo com uma das mãos enfaixadas.

A isso tudo se acresce outra peculiaridade que diz respeito aos ordenados. Os imigrantes recebiam, de acordo com suas narrativas, ordenados inferiores em comparação aos dos brasileiros que realizavam as mesmas atividades, e também abaixo do salário mínimo, algo em torno de R\$500,00 pelas extensivas jornadas laborais. Em suma, por exercerem atividades manuais de baixa qualificação e/ou receberem remuneração reduzida, estimulam o “rebaixamento salarial e a manutenção dos níveis baixos de salário” (HARVEY, 2014, p. 3).

Assim, contribuem para subverter a lógica remuneratória local e os custos para efetivação da produção das mercadorias que, em sua fase de realização no polo atacadista de confecções, custam em torno de R\$35,00 à R\$50,00. Diante de todo o exposto, e na interpretação que estamos a oferecer, o trabalho degradante realizado pelos trabalhadores da indústria têxtil do Noroeste do estado Paraná está circunscrito aos moldes da exploração da força de trabalho sem escrúpulos.

Residentes nas proximidades da fábrica, alguns deles nos receberam em sua acomodação. O mictório, construído ao lado de fora, datava aquela construção. Tratava-se de uma casa antiga, construída com madeira, cujo teto apresentava fissuras. Havia dois quartos e um espaço comum que deveria ser utilizado como sala, mas que, devido ao número de pessoas, servia de dormitório, abrigando colchões. Viviam na mesma habitação, alugada pela fábrica que os empregava, quatorze pessoas - 7 homens, 4 mulheres e 3 crianças. Conforme nos foi relatado, eram todos do mesmo país (Haiti). Em outro momento, soubemos que havia outra acomodação que abrigava um grupo com trabalhadores de 3 países diferentes, fato este que gerava conflitos internos.

Nossa pesquisa revelou também que as resistências são mínimas e, portanto, não há perspectivas de superação. Não há na região nenhum histórico de paralização. O que demonstra a eficácia dos capitalistas em se deslocar para regiões em que os sindicatos não possuem históricos de combate às condições impostas. As reivindicações setoriais ocorrem muito efemeramente quando os sindicatos se manifestam para pressionar com o objetivo de que os salários acompanhem o teto do salário mínimo nacional. A precarização do trabalho é tão imanente ao capital quanto o desenvolvimento das forças produtivas. Trata-se, portanto, da permanente disputa entre capital e trabalho sobre o quadro de agravamento das condições de trabalho e os limites da exploração da força de trabalho.

Ainda foi possível identificar que os trabalhadores migrantes estão inseridos precariamente em vários setores no estado do Paraná: trabalho no cultivo de soja, na indústria alimentícia (MAMED, 2016)¹⁰ e na construção civil (GOMES, 2016). Eles podem ser encontrados ainda “montando banquinhas de camelô nas

calçadas do centro comercial”, “trabalhando nos restaurantes como garçons e cozinheiros e circulando com suas bicicletas para o trabalho, ou então nos pontos de ônibus” (GOMES, 2016, p. 8).

Do conjunto de haitianos com quem dialogamos, nenhum possuía permissão para permanecer no Brasil. Segundo o que nos foi relatado, não pretendiam formalizar a documentação pois objetivavam, num futuro não muito distante, retornar ao país de origem ou migrar para outro país. Até que isso ocorra, continuam a trazer mais entes com a ajuda das indústrias que os contratam por meio de adiantamento financeiro para a mobilidade de outros trabalhadores imigrantes que, ao chegarem, terão de se submeter ao trabalho na indústria como forma de compensar os valores antecipados.

Os caminhos que levam os trabalhadores a submeterem-se à essas condições vinculam-se a necessidade de sobrevivência e à falta de alternativas de trabalho. Fazem isso para sobreviver e, por este motivo, são obrigados a acompanhar o capital para onde quer que ele flua, submetendo-se, assim, a mobilidade geográfica humana que os separa dos familiares, dos apegos e dos pertencimentos. Tudo pela mera possibilidade de esgueirar-se, não inteiramente, claro, da tirania e da opressão instaurada pelo modo de produção capitalista (GOMES, 2016).

Esses elementos nos remetem à pesquisa de Roncato (2012), indicando que, na condição de integrantes da classe trabalhadora, os imigrantes não possuem muitas alternativas a não ser aceitarem contratos de trabalhos temporários, flexíveis e sem estabilidade, com pouca ou nula proteção social e rebaixamento do salário real. Nessa mesma linha de argumentação, Harvey (2014) indica que, enquanto mercadoria flutuante, esse grupo de despossuídos tende a acompanhar o capital para onde quer que ele flua, tornando-se força de trabalho flutuante no mundo do trabalho global¹¹.

Ao realizar este movimento em escala global, os imigrantes produzem e reproduzem não apenas o espaço, mas também capital. Isso significa reconhecer que os trabalhadores imigrantes estão sujeitos às formas de produção e de reprodução socioespacial dominante no território que chegam e, com isso, contribuem para “a desvalorização da força de trabalho como um todo” (BASSO, 2015, p. 9).

É o que se observa com os imigrantes haitianos que realizaram trajetórias migratórias para o Brasil com finalidade de inserção no mundo do trabalho. Na maioria dos casos relatados encontramos como justificativa à submissão a ausência de outras oportunidades de trabalho tendo em vista que, das duas cidades as quais visitamos, as opções de trabalho se restringem à roça ou à três indústrias têxteis. Eles não apenas trabalham, mas vivem em condições extremamente precárias.

Em conjunto, as condições a que se submetem esses trabalhadores migrantes nos apresentam as chaves para compreender a classe trabalhadora na contemporaneidade. Esses imigrantes são protótipos de um processo

contínuo de flexibilização das condições de trabalho (BASSO, 2015, p. 34), na qual a contratação, ou subcontratação, da força de trabalho, a baixo custo e sem nenhum direito, provém de uma organização estrutural, estratégica ao modo capitalista de produção. Sua ascensão significa a emergência de uma nova classe de trabalhadores despossuídos, a qual os autóctones e migrantes compõem um só grupo que estrutura, por meio da exploração de sua força de trabalho, um mercado de trabalho em escala global (VILLEN, 2014).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos ao longo desse artigo um panorama das trajetórias migratórias realizadas pelos migrantes haitianos em direção ao Brasil. Procuramos, além de expor as condições vexatórias a que estão submetidos os trabalhadores migrantes – nas quais suas vidas são marcadas por desigualdades espaciais, pela marginalização das condições de trabalho e pela vulnerabilidade sociais –, compreender as motivações e os condicionantes que originam as trajetórias.

À medida que refletimos criticamente, nos pareceu importante interpretar essa questão não apenas do ponto de vista dos trabalhadores migrantes, mas do conjunto de trabalhadores, já que a lógica concorrencial se espalha em escala global, ainda que apresente múltiplas facetas em distintos territórios. Nos pareceu importante, também, identificar a problemática das trajetórias migratórias, não como algo localizado, mas como um processo complexo, integrante de uma dinâmica maior, que tem como pano de fundo a produção e a reprodução do capital.

Esse caminho de interpretação nos possibilitou perceber que as transformações pelas quais o capital passou em anos recentes, sendo uma delas a crise de 2007/2008 que mencionamos, provocaram impactos significativos sobre o mundo do trabalho, fomentando o rebaixamento dos salários e a precarização das condições de trabalho. A produção de mercadorias no âmbito das indústrias têxteis do noroeste do Paraná ilustra essa interpretação. A partir de resultados da etapa de entrevistas da pesquisa qualitativa apresentada ao longo desse artigo, pudemos confirmar a tendência mundial de redução de custos da força de trabalho. No entanto, fica cada vez mais mascarada toda a estratégia produtiva comandada pela lógica de gestão transnacional existente na produção das roupas que usamos em nosso cotidiano.

Ficam obscurecidas, também, as novas formas de introduzir, nos marcos regulatórios das legislações nacionais, alterações que institucionalizam as formas arcaicas de naturalização da exploração da força de trabalho. Essas alterações não têm apenas o sentido de diminuir custos de produção de mercadorias por meio da contratação da força de trabalho migrante, mas, também, fragilizar o sistema de proteção – no caso do Brasil, conquistado e construído por meio de muitas lutas – para alongar, sem impedimentos, a jornada de trabalho em busca de aumentar, como demonstrado, a produtividade no âmbito das indústrias.

Em resumo, buscamos dar visibilidade para essas formas mascaradas que vão ganhando acento no modo capitalista de produção nos dias atuais. Para além de desvelar a essência, resta-nos a luta e a resistência à estas metamorfoses que se impõem. Deve-se, assim, construir uma forma para conceber o trabalho e a vida do conjunto de trabalhadores. Com isso, subverter a lógica predatória que paira sobre a esfera do mundo do trabalho em escala global e afeta profundamente a vida da classe trabalhadora universal.

NOTAS

¹ A noção de trajetórias de trabalhadores que adotamos nesse texto foi proposta por Knowles (2013), para ilustrar, em sua pesquisa, as trajetórias dos trabalhadores que produzem chinelos em uma cadeia global que se espalha por três continentes.

² A noção de periferia do capitalismo que adotamos nesse artigo foi proposta por Villen (2015) para ilustrar, em sua pesquisa, as interfaces do funcionamento do mercado de trabalho na periferia do capitalismo.

³ É importante indicar que o recorte dos sujeitos de pesquisa não se resumiu aos imigrantes haitianos.

⁴ É importante indicar que o recorte dos sujeitos de pesquisa não se resumiu aos imigrantes haitianos.

⁵ A noção de reconfiguração espacial que adotamos nesse texto foi proposta por Harvey (2010), em sua obra *O enigma do capital*.

⁶ Embora não seja o foco desse artigo, é importante indicar que em paralelo, também aparecem os refugiados de diferentes nacionalidades que se deslocam devido à distintas motivações: políticas, religiosas, desastres naturais entre outros.

⁷ É importante lembrar, ainda que não seja o foco desse artigo, que a estruturação do mercado de trabalho brasileiro entre os anos de 2003 e 2016 apresenta um lado positivo que é vicioso (em função das políticas de inclusão do consumo) e limitado (não toca na base da estrutura). As consequências destas debilidades puderam ser observadas com mais precisão após o Golpe parlamentar de 2016.

⁸ Os dados referentes à essas trajetórias migratórias variam de acordo com pesquisas e instituições. Para compilarmos os dados apresentados, nos baseando nos dados do IBGE, do G1 e do Nexó, os quais seguem citados nas referências.

⁹ Nos parece importante registrar, ainda que o foco do artigo se detenha nos processos migratórios desencadeados entre 1990 e 2016, que os números referentes aos processos migratórios para o ano de 2017 e para o primeiro semestre de 2018, parecem apontar para a tendência da chegada de imigrantes venezuelanos – cujo país encontra-se com as estruturas socioeconômicas foram condenadas pelo modo capitalista de produção.

¹⁰ A pesquisa de Mamed (2016) confirma que, em geral, esses trabalhadores se inserem nos trabalhos mais insalubres, que exigem menor escolaridade e que os habitantes locais não se dispõem a realizar). Trabalham, portanto, ocupando postos de trabalho mal remunerados, com serviços pesados e precários. Esse elemento tem repercutido diretamente na composição do mercado de trabalho, que por sua vez, tem-se apresentado cada vez mais heterogêneo - tanto pelas diferentes camadas etárias que o compõe, quanto pela proveniência nacional destes grupos.

¹¹ A ideia de mundo do trabalho global não está presente no autor, ela é nossa. No texto, o autor fala em mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, R. A nova morfologia do trabalho e suas principais tendências. In: ANTUNES, R. (Org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil II**. São Paulo: Boitempo, 2014.
- _____. El deterioro del trabajo y la precarización estructural. In: **Coloquio Internacional Crisis, Jóvenes y Migración, 2013, Ciudad México**. Ciudad México: UNAM, 2013. v. 1. p. 5-10.
- _____. **Os Sentidos do Trabalho**: Ensaio sobre a Afirmação e a Negação do Trabalho. São Paulo: Editora Boitempo, 1999.
- AUDEBERT, C. The recent geodynamics of Haitian migration in the Americas: refugees or economic migrants? **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**: Belo Horizonte, v.34, n.1, p.55-71, jan./abr. 2017.
- BAENINGER, R. **Migrações internacionais**: herança XX, agenda XXI. Campinas: Editora FNUAP, 1996.
- BASSO, P. Imigração na Europa. In: ANTUNES, R (Org). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil II**. São Paulo: Editora Boitempo, 2013.
- _____. Uma pantomima que denuncia guerras. **Jornal da Unicamp**, Campinas, 2015.
- BECKER, G. **Human Capital**: a theoretical and empirical analysis, with special reference to education. Chicago: Editora University Press, 1993.
- BORJAS, G. Economic theory and international migration. **Journal International Migration Review**, v. 23, n. 3, 1989, p. 457-485.
- CARVALHO, L. **Valsa brasileira**: do boom ao caos econômico. São Paulo: Editora Todavia, 2018.
- CHESNAIS, F. **A Mundialização do Capital**. São Paulo: Editora Xamã, 2005[1996]].
- FRANCESCONI, L. Crise, trabalho e migrações. **Anais do XVIII Encontro Nacional de Geógrafos**. São Luís, 2016.
- GAUDEMAR, J. P. **Mobilidade do trabalho e acumulação do capital**. Paris, Editora Anthropos, 1976.

- GOMES, S. C. Dinâmicas Demográficas na Região Metropolitana de Maringá. In: RODRIGUES, A. L. (Org.). **Transformações na Ordem da Urbana**. Rio de Janeiro: Editora Letra Capital, 2015.
- GOMES, S. C. A presença dos migrantes haitianos em território maringaense. **Geografar**, Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPR, v. 11, p. 5-16-16, 2016.
- GOMES, S. C. **Do comércio de retalhos a feira da sulanca**: uma inserção do migrante em São Paulo. São Paulo: Dissertação de mestrado, USP, FFLCH, 2002.
- HARVEY, D. **Os limites do capital**. São Paulo: Editora Boitempo, 2013.
- _____. **O enigma do capital**. São Paulo: Editora Boitempo, 2010.
- _____. **Seventeen contradictions and the end of capitalism**. London: Editora Profile, 2014.
- KNOWLES, C. **Flip-flop**: a journey through globalization's backroads. Londres: Editora Pluto Press: 2013.
- LEFÈBVRE, H. **A reprodução das relações de produção**. Paris: Editora Anthropos, 1973.
- LENCIONI, S. **Reestruturação urbano-industrial**: centralização do capital e desconcentração da metrópole de São Paulo. A Indústria Têxtil. 286 p. Tese (doutorado), Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.
- LIMA, F. R. A reforma trabalhista no Brasil: um atentado contra a classe trabalhadora. **Geocri-tiq**. 5 de enero de 2018b, nº 361.
- _____. **Nas trilhas da exploração da força de trabalho**: uma análise a partir da cadeia têxtil de produção no Noroeste do estado do Paraná. 245 p. dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018a.
- MAGALHAES, L. F. A; BAENINGER, R. Haiti Is Here: Haitians in Santa Catarina, Brazil and the Concept of Emigration Syndrome. **Journal of Economics and Development Studies**, v. 3, p. 1-12, 2016.
- MAMED, L. H. Haitianos no Brasil: da entrada indocumentada pela Amazônia à inserção precarizada no mercado laboral. **Argum.** (Vitória), v. 8, n. 3, p. 78-90, set./dez. 2016.
- MARTINS, I. M. M. Geografias da imigração haitiana para o Brasil. **Revista Tamoios**, São Gonçalo, a. 14, n. 1, p. 71-82, jan./jun. 2018.
- MARTINS, J. S **O Fenômeno migratório no limiar do terceiro milênio**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- PATARRA, N. L. O Brasil: País de imigração? **Revista E-Metropolis**, nº 09, ano 3, junho de 2012. Pg. 01 – 18.
- PECK, J. **Work-place**: the social regulation of labor markets. New York: Editora Guilford, 1996.

- RONCATO, M. S. Trabalho Imigrante no Capitalismo Japonês: classe social, etnia e suas contradições. **Caderno CEMARX**, Campinas, v.1, p. 1-10, 2012.
- SANTOS, M. A. (et al). **Migração**: uma revisão sobre algumas das principais teorias. Belo Horizonte: Editora do Cedeplar, 2010.
- SASSEN, S. **The mobility of labor and capital**. New York: Cambridge University Press, 2000.
- SCOTT, A. J. **New industrial spaces**: flexible production organization and regional development in North America and Western Europe. London: Editora Pion, 1988.
- SINGER, P. **Força de trabalho e emprego no Brasil**. São Paulo: Editora Cadernos do CEBRAP, 1971.
- SINGER, P. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estado. In: MOURA, H. A. (org.) **Migração interna, textos selecionados**. Fortaleza: Editora do BNB, 1976, p. 211-244.
- SMITH, N. **Uneven development**: nature, capital and the production of space. Oxford: Editora Basil Blackwell, 1984.
- SPOSITO, E. S. Reestruturação produtiva e reestruturação urbana no estado de São Paulo. **Scripta Nova**. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales, v. 11, n. 245, 2007, pp. 1-16
- TODARO, M. A Model of Labor Migration and Urban Unemployment in Less Developed Countries. **Journal American Economic Review**, n. 59, p.138-148, 1970.
- UEBEL, R. R. G.; RÜCKERT, A. A. **Aspectos gerais da dinâmica imigratória no Brasil no século XXI**. **Revista Confins** [En ligne], nº 31, 2017.
- VAINER, C. B. **Emigração internacionais no Brasil contemporâneo**. Campinas: Editora FNUAP, 1996.
- VILLEN, P. A nova configuração da imigração no Brasil sob a óptica do trabalho. In: ANTUNES, R. (Org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil III**. São Paulo: Editora Boitempo, 2014.
- _____. **Imigração na modernização dependente**: “braços civilizatórios” e a atual configuração polarizada. 2015. Tese. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

SITES CONSULTADOS

- DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO – **Banco de dados**. Disponível em: <<http://in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=515&pagina=57&data=09/04/2018>> . Acesso em 01/09/2018.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Banco de Dados Países**. Paraná: 2017. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/paisesat/>>. Acesso em 01/09/2018.

G1- Mundo - Em 10 anos, número de imigrantes aumenta 160% no Brasil, diz PF. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/em-10-anos-numero-de-imigrantes-aumenta-160-no-brasil-diz-pf.html>> . Acesso em 01/10/2018

G1- Política - Entrada de imigrantes no Brasil caiu 23% em dois anos; ‘efeito da crise política e econômica’, diz estudo. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/entrada-de-imigrantes-no-brasil-caiu-23-em-dois-anos-efeito-da-crise-politica-e-economica-diz-estudo.ghtml>> . Acesso em 01/10/2018.

IBGE. Território brasileiro e povoamento. Disponível em: <<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/portugueses/imigracao-de-declinio-1960-1991.html>> . Acesso em 01/10/2018

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION - **World migration report 2018**. Disponível em: <https://publications.iom.int/system/files/pdf/wmr_2018_en_chapter2.pdf> . Acesso em 28/09/2018.

MARTINS, J. S. “**Sem lenço e sem documento**”. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/530991-sem-lenco-sem-documento-artigo-de-jose-de-souza-martins>> . Acesso em 01/09/2018.

NEXO JORNAL. **Em que países vivem os brasileiros no exterior, segundo o Itamaraty**. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/grafico/2018/02/16/Em-que-pa%C3%ADses-vivem-os-brasileiros-no-exterior-segundo-o-Itamaraty>> . Acesso em 01/10/2018

NEXO JORNAL. **O fluxo da imigração ao Brasil desde a chegada dos portugueses**. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/grafico/2018/06/11/O-fluxo-de-imigra%C3%A7%C3%A3o-ao-Brasil-desde-a-chegada-dos-portugueses>> . Acesso em 01/10/2018

OLIVEIRA, W. **Haitianos no Brasil**: hipóteses sobre a distribuição espacial. Disponível em: <<http://dapp.fgv.br/haitianos-no-brasil-hipoteses-sobre-distribuicao-espacial-dos-imigrantes-pelo-territorio-brasileiro/>> . Acesso em 01/09/2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **The International Migration Report 2017 (Highlights)**. Disponível em: <<https://www.un.org/development/desa/publications/international-migration-report-2017.html>> . Acesso em 01/09/2018.

PODER 360. **Em 7 anos, número de brasileiros que deixaram o país subiu 160%**. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/brasil/em-7-anos-numero-de-brasileiros-que-deixaram-o-pais-subiu-160/>> . Acesso em 01/10/2018

PORTAL DA POLÍCIA FEDERAL. **Estatísticas**. Disponível em: <<http://www.pf.gov.br/institucional/acessoainformacao>> . Acesso em 01/09/2018.

SIDRA – IBGE. **Dados da amostra de naturalizados brasileiros e de estrangeiros**. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/2145#resultado>> . Acesso em 01/10/2018.

SIMPLE CITIZEN. **Trends in Global Immigration**. Disponível em: <<https://learn.simplecitizen.com/2017/10/trends-global-immigration/>> . Acesso em 01/09/2018.

RESUMO

Neste artigo se discute a exploração da força de trabalho dos haitianos que se deslocaram para trabalhar na indústria têxtil do noroeste do estado do Paraná. O objetivo consiste em compreender a emergência das trajetórias migratórias que esses sujeitos realizaram entre 2010 e 2016 e seus desdobramentos, no que tange ao mundo do trabalho. A discussão é apresentada a partir de uma abordagem que reconhece as trajetórias migratórias como parte de um processo complexo de escala ampliada, que tem como finalidade última, atender as necessidades de funcionamento do mercado de trabalho global. O texto se inicia com a apresentação dos dados sobre as dinâmicas das migrações internacionais entre os anos de 1990 e 2016; a frente, esboçam-se as principais tendências que levaram o Brasil a assumir um papel de interface no contexto das trajetórias migratórias internacionais; em seguida, discutem-se as particularidades da sociedade haitiana, país de emigração na periferia do capitalismo; e problematizam-se – com base nos resultados da etapa de entrevistas de pesquisa qualitativa, realizadas entre os anos de 2015 e 2018 –, a incorporação precária e limitada no mundo do trabalho brasileiro, demonstrando a maneira como o capital explora essa força de trabalho. Conclui-se que os trabalhadores migrantes são eficazes para a diminuição dos custos, o rebaixamento dos salários e a precarização das condições de trabalho no âmbito da produção têxtil.

Palavras-chave: Trabalho; Migração; Trajetórias; Indústria têxtil.

ABSTRACT

This article discusses the exploitation of the workforce of Haitians who have moved to work in the textile industry in the northwest of the state of Paraná. The objective is to understand the emergence of the migratory trajectories that these subjects undertook between 2010 and 2016 and their consequences, with regard to the world of work. The discussion is presented based on an approach that recognizes migratory trajectories as part of a complex process with an expanded scale, whose ultimate purpose is to meet the needs of functioning of the global labor market. The text begins with the presentation of data on the dynamics of international migration between the years 1990 and 2016; ahead, the main trends that led Brazil to assume an interface role in the context of international migratory trajectories are outlined; then, the particularities of Haitian society, a country of emigration on the periphery of capitalism, are discussed; and problematize - based on the results of the stage of qualitative research interviews, carried out between the years 2015 and 2018 -, the precarious and limited incorporation in the Brazilian labor world, demonstrating the way in which capital exploits this workforce. It is concluded that migrant workers are effective in reducing costs, lowering wages and precarious working conditions in the context of textile production.

Keywords: Work; Migration; Trajectories; Textile industry.